

Oswald de Andrade e as experiências de modernidade em São Paulo: identidade, sociabilidade e política

Marcio Luiz Carreri¹

Resumo: O texto pretende demonstrar como o escritor Oswald de Andrade percebia a modernidade da cidade de São Paulo e também como o mesmo trabalhou na articulação de uma rede de intelectuais e militantes que conviveram na capital paulista no começo da década de 1930, período esse marcado pelas diversas teses sobre a formação da identidade brasileira, em conflito num momento de irrupção de matizes políticas e intelectuais, principalmente, neste caso, a partir da importante contribuição do Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922 e em estágio de consolidação. Oswald forja uma nova sociabilidade, que relaciona o jornalismo e a política ao publicar, com Patrícia Galvão (a Pagu), o jornal político *O Homem do Povo*, um meio para sua inserção nos intensos debates daquele período.

Palavras-Chave: Oswald de Andrade, sociabilidade política, O Homem do Povo, identidade, PCB.

Abstract: The text aims to demonstrate how the writer Oswald de Andrade thought the modern shape of the city of São Paulo and also how he worked in the coordination of a network of intellectuals and activists who lived in São Paulo in the early 1930's, a period marked by several theories about the formation of Brazilian identity, under conflict in a time of an outbreak of intellectual and political nuances, especially in this case, from the important contribution from the Communist Party of Brazil, founded in 1922 and during its consolidation stage. Oswald forges a new sociability, which relates the journalism with politics when publishing, with Patrícia Galvão (nicknamed Pagu), the political newspaper *The Man of the People*, a means for his insertion into the intense debates of that period.

Keywords: Oswald de Andrade, political sociability, Man of the People, identity, PCB

Oswald de Andrade and experiences of modernity in São Paulo: identity, sociability and politics.

¹ Professor Assistente da UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná. Mestre em História pela UNESP e Doutorando em História pela PUC-SP. E-mail: carreri@uenp.edu.br

“A felicidade anda a pé
Na Praça Antônio Prado
São 10 horas azuis
O café vai alto como a manhã de arranha-céus
Cigarros Tietê
Automóveis
A cidade sem mitos”
(Oswald de Andrade, Poesias Reunidas.)

Como o pensador Oswald de Andrade percebia a modernidade da cidade de São Paulo? Como se posicionava em relação à política? Como lidava num tempo de construções de propostas de identidades, imaginário da nacionalidade ou brasilidade?

De acordo com Marcelo Ridenti, foi a partir dos anos 1930 que ela (a brasilidade) “se desenvolveu no pensamento social brasileiro, nas artes, em políticas de Estado e também na vida cotidiana – de formas distintas e variadas à direita, à esquerda, conservadores, progressistas, ideológicas ou utópicas” (RIDENTI, 2010, p.09).

Oswald desenvolveu uma rede de intelectuais convivendo na capital paulista no começo da década de 1930, período esse marcado pelas diversas teses sobre a formação da identidade brasileira, em conflito num momento de irrupção de matizes políticas e intelectuais, principalmente, neste caso, a partir da importante contribuição do Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922 e em estágio de consolidação, bem como as controvertidas participações dos intelectuais nos quadros da agremiação. Oswald forja uma nova sociabilidade, que relaciona o jornalismo e a política, e funda, com Patrícia Galvão, a *Pagu* e a partir de contribuições de importantes militantes e intelectuais, o jornal político *O Homem do Povo*, mais um meio de sua inserção nos intensos debates daquele período.

Importante percebermos como o escritor paulista percebia as crises e as tensões próprias de uma cidade em transição, em seguida o momento que passava Oswald e as formas de construção de seu novo empreendimento, um novo momento que vivia a partir de sua “conversão” ao marxismo, momentos antes de sua filiação ao PCB. A partir dessa inflexão, demonstraremos que Oswald organiza em torno de si um grupo político e, finalmente, apresentaremos os componentes do grupo que gravitava em torno da redação do periódico.

A São Paulo de Oswald de Andrade

Intérprete de São Paulo, Oswald de Andrade empreendeu um projeto denominado Trilogia do Exílio, formado por três romances, *Alma* (1922), *A Estrela do Absinto* (1927) e *A Escada*, depois *A Escada Vermelha* (1934), os três sendo agrupados em 1941, pelo próprio autor, rebatizando-o *Os Condenados*. A cidade em transformação e as diversas formas de pensar e sentir essa “modernidade” no cotidiano de diversas personagens das diferentes classes sociais foi o seu objetivo. Ainda que outros projetos não tenham sido levados ao cabo pelo escritor, por uma série de fatores, esse foi suficiente para oferecer um painel social e cultural da cidade nos “frementes” anos 20.

As sagas das personagens, entre as quais *Alma*, uma jovem prostituta, protagonista do primeiro romance, revelam a tensão de suas vidas com a da cidade, sendo elas envolvidas, tragadas e devoradas pela *lufa-lufa* do tempo das novidades.

Oswald sintetizou as mudanças na urbe a partir do tripé: bicicletas mecânicas, estrangeiros e andaimes (ANDRADE, 2003, p. 257), entendidos como o nascente processo de industrialização, tendo o automóvel como marca, a chegada de trabalhadores migrantes e toda sorte de aventureiros e outra novidade da época, os arranha-céus.

Ainda que meada de ruas provincianas onde o gado retardava a marcha dos bondes, o torrão natal de Oswald ainda dos lampiões de gás experimentava “ares” de modernidade, a cidade foi assim observada pelo jovem antropólogo Claude Lévi-Strauss: “Os paulistas se gabavam do ritmo da construção em sua cidade, à média de uma casa por hora. Tratava-se então de palacetes. A cidade desenvolve-se com tal rapidez que é impossível encontrar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição.” (CORTEJO & GERODETTI, 1999, p. 121)

A capital paulista experimentava o seu momento da verticalização. Os arranha-céus de concreto armado, um dos símbolos de virilidade da modernidade acabava de ser erguido. O Edifício Martinelli, na Avenida São João, fora inaugurado com pompa em 1929, embora em pouco tempo tenha perdido o seu fulgor, ofuscado por outros.

Na São Paulo da década de 1930, a maioria dos campos de atividade intelectual, nas palavras de Shorske (1988) “proclamou orgulhosamente sua independência em relação ao passado.” O moderno era experimentado no cotidiano cultural e o seu discurso sugeria a busca de novas identidades. Os atores sociais, intelectuais, artistas e políticos investiam em textos e discursos que apontavam para a substituição de antigas crenças por novos valores, como o progresso e a civilidade, como num lance, o passado cedesse licença para o novo tempo.

Os atores sociais e culturais de São Paulo, a partir de percepções sobre a utilização no cotidiano de novos equipamentos tecnológicos, urbanos e culturais, como o bonde, as avenidas, os teatros e o cinema acabaram por contribuir para a construção de uma espécie de uma mitologia da modernidade (CASTRO, 2008, p. 102), reforçando a “identidade paulista” do pioneirismo, que se antes era constituído a partir da *epopéia bandeirante* (FERREIRA, 2002), outrora expansão externa, nesse instante o faz em torno de si mesmo, na reinvenção e inserção do espaço urbano e das novas sociabilidades.

As grandes cidades, de acordo com Frúgoli Junior (2007), são locais privilegiados da realização do moderno. Ao eleger a cidade de São Paulo como espaço de análise, é possível situar naquele ambiente as gerações que foram forjadas em meio à depressão econômica, consequência da crise econômica de 1929 e a chegada importante do pensamento de Marx e a atração pelo comunismo, enquanto totalidade social, e a marca do período, pelo menos entre os membros dessa elite de artistas e escritores era a interação entre política e cultura.

Ainda que sua elite cultural localizava-se num meio entre o provincianismo e cosmopolitismo, uma comunidade conservadora e progressista, uma confusão entre o tradicionalismo e o modernismo e o passado com o presente há um consenso na historiografia quanto à consolidação da ideia do Modernismo, o que apresenta a cidade como espaço de conflitos sociais e culturais na afirmação de suas diferentes identidades, embora apresentando seus limites.

Segundo Bosi:

As décadas de 30 e 40 vieram ensinar muitas coisas úteis aos nossos intelectuais. Por exemplo, que o tenentismo liberal e a política getuliana só em parte aboliram o velho mundo, pois compuseram-se aos poucos com as oligarquias regionais, rebatizando antigas estruturas partidárias, embora acenassem com lemas patrióticos ou populares para o crescente operariado e as crescentes classes médias. (BOSI, 1970, p. 432).

Para Ricardo Antunes, a ascensão de Vargas ao poder expressou um novo momento da dominação burguesa no Brasil, do trânsito de um domínio agrário-exportador para um projeto industrial de nação com um Estado forte. Na ausência de uma representação burguesa industrial típica, o varguismo assumiu esse projeto que, por um lado, contemplava uma relação com as classes dominantes e, por outro, com as classes trabalhadoras².

² Entrevista. Revista Caros Amigos, agosto de 2004.

Há uma disputa pela representação do trabalhador, se antes era verificado pelas ideias anarquistas em contraposição às comunistas, agora se dá entre esses últimos e Vargas, que se projeta sobre a classe trabalhadora cooptando a partir das leis trabalhistas e do corporativismo sindical. Segundo Antunes (2006), essa aproximação com os trabalhadores, trazendo-os para a agenda do Estado tenha sido a maior obra de engenharia política de Vargas.

Correspondente tropical da benjaminiana fisionomia³ da metrópole moderna, segundo Willi Bolle (2000, p. 35), Oswald (assim como Mario de Andrade) foi um estudioso da cidade de São Paulo e desde a década de 1920⁴ compunha um lugar importante na sua *intelligentsia*, que vinha principalmente a partir de sua participação na Semana de Arte Moderna, que ocupara o espaço consagrado das artes da cidade, o *Theatro Municipal*, mas o espaço público privilegiado, como as ruas da cidade, são um campo de disputa das diversas atividades culturais e expressões políticas.

Ainda que a urbanidade da cidade indicasse sua mais longínqua expansão ao sul até o Jardim América e a sudoeste o Pacaembu, a “modernidade” significava também a chegada da multidão trabalhadora, que acotovelava nos bondes da paulicéia nas linhas norte-sul e leste-oeste, de monopólio da *Light*, determinado de onde vir e para onde ir, o discurso do Moderno era comum nas ruas e chegava até a imprensa da época.

Vida nova que se apresentava, a cidade tornou-se pólo de atração devido à sedução pelo moderno e as ruas de São Paulo, que a partir dos anos de 1920 ganharam novas cores, as da multidão, ou, nas palavras de Oswald, “massas macambúzias”. Sobre isso descreveu Sevcenko:

Não era nem uma cidade de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros, nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era moderna, mas já não tinha mais passado. (SEVCENKO, 1992, p. 31)

³ A noção de fisionomia moderna foi fundada, de acordo com Bolle, por Johann Caspar Lavater (1741-1801), autor de *Fragmentos Fisiognômicos para o Fomento do Conhecimento entre os Homens* (1778). Bolle produziu um fascinante ensaio a partir das leituras de Benjamin e Baudelaire, apresentando e contrastando modernidade e pós-modernidade, Europa e América Latina. De Lavater: A fisionomia é a ciência de conhecer o caráter (não os destinos aleatórios) de um ser humano lato sensu a partir de seus traços exteriores; a fisionomia lato sensu seria, portanto, todos os traços exteriores do corpo e dos movimentos de um ser humano, na medida em que, a partir daí é possível conhecer algo do seu caráter.

⁴ A cidade de São Paulo possuía em 1920 uma população de 587.033, e em 1930 totalizava 887.810 pessoas, conforme dados do I Congresso de Habitação, demonstrando um crescimento urbano industrial importante.

Sentimento ambíguo, Walter Benjamin expressava na modernidade a decadência correspondente nas figuras do flânerie, do jogador, do trapeiro da burguesia. Do seu modo, Oswald também assim percebeu, com olhar percuciente, a paisagem metropolitana em transição. As mulheres públicas da noite e os *tráficos de seus encantos* foram assim descritos pelo orador:

São Paulo é outro. Não mais o sal da heresia dos estudantes e dos poetas, mas o sal do zebu! Não mais a mulher invisível e conventual das fazendas e das rótulas. Não mais as ágeis lavadeiras dos banhos verdes do Tamanduateí. Mas a mulher do *short* e do cigarro. A mulher do pif-paf!⁵

Em *O Rei da Vela* (1934) Oswald fazia sua crítica política à manutenção do poder das oligarquias mesmo após a Revolução de 30 e o ambiente de euforia pelo moderno, expressão da cidade e da política:

Heloisa – Meus pais... meus tios... meus primos...

Abelardo I – Os velhos senhores da terra que tinha que dar lugar aos novos senhores da terra!

Heloísa – No entanto, todos dizem que acabou a época dos senhores e dos latifúndios...

Abelardo I – Você sabe que o meu caso prova o contrário. Ainda não tenho o número de fazendas que meu pai tinha, mas já possuo uma área cultivada maior que a que ele teve no apogeu.

Outra época, um novo projeto

Os tempos eram outros: ainda que com posses e rendas dos espólios de seu pai e da outra época, Oswald não mais era freqüentador assíduo dos lugares donde vivia à moda européia como a *garçonnière* na Libero Badaró⁶, dos elegantíssimos chás da Casa Alemã, dos salões e clubes, tertúlias, reuniões intelectuais na casa de Tarsila ao som de Ravel, cafés-concertos e cinema americano.

⁵ Discurso de Oswald de Andrade no 1º Congresso de Escritores, organizado pela Associação Brasileira de Escritores. São Paulo, janeiro de 1945.

⁶ Oswald de Andrade e um grupo de amigos como Guilherme de Almeida, Vicente Rao, Inácio da Costa Ferreira, Sarti Prado, Edmundo Amaral, Pedro Rodrigues de Almeida, Leo Vaz e pelo então jovem senhor Monteiro Lobato, além de Maria de Lourdes Douzani Castro, apelidada de Daisy ou Miss Ciclone freqüentaram, entre 30 de maio e 12 de setembro de 1918, um espaço montado no segundo e o terceiro andar do número 67, dessa rua no centro de São Paulo. Registrado no livro *O Pequeno Cozinheiro das Almas deste Mundo*, esse experimento boêmio e literário saiu em forma de diário coletivo. Texto feito à margem da produção oficial, que Antonio Candido classificou como literatura íntima foi entendida por Beatriz Rezende como *uma adequação entre o modelo diário e a intenção da modernidade pretendida* (1995, p. 28).

O Cassino Antarctica como as tardes no jôquei estavam distantes, assim como os vinhos das melhores safras e chocolates suíços do tempo de suas viagens à Europa, como o tempo de sociabilidade com Juó Bananére (pseudônimo de Alexandre Marcondes Machado) na Revista *O Pirralho* (1911) ou mesmo no tempo de convivência intelectual com Mario de Andrade (com quem rompeu a partir da segunda “dentição” da Antropofagia), Tarsila e outros do tempo da vanguarda modernista.

O andar agora pela cidade é de quem tem pressa, longe do tempo do ócio. O caminhar pela cidade, no caso de Oswald a partir de onde vivia com Patrícia Galvão, suas experiências sociais comuns, entre reuniões, edições e fugas, por conta de suas “novas” convicções comunistas, é também um espaço de percepção da cidade e da sociedade, espaço compartilhado no espaço urbano. Segundo Oswald, no prefácio de Serafim Ponte Grande (1933): *O caminho a seguir é duro, os compromissos opostos são enormes (...)*.

Ainda assim, com uma nova convicção, Oswald andava esufiante. O ato de caminhar, para Certeau, está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos. O ato de caminhar parece encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação (CERTEAU, 1984, p. 177). Relativamente longe do palacete da Rua Augusta ou as chácaras de Cerqueira Cesar que pertenciam ao seu pai, Oswald e Pagu moravam na Rua dos Ingleses (ANDRADE FILHO, 2004, p. 104), no Bairro Bela Vista, de forte adensamento populacional, Oswald vê seu cotidiano na cidade sendo modificado, o que também precipita mudanças nas maneiras de fazer, demandando dele novas astúcias de como lidar com o cotidiano.

Em Serafim Ponte Grande (p. 80), Oswald pensa sobre as “mudanças”, tendo como cenário um dos mais importantes espaços do centro da capital paulista: “Quando um estrangeiro saudoso regressa à pátria e procura o Largo da Sé, encontra no lugar a Praça da Sé. Mas é a mesma coisa.”

Passos apressados, Oswald não sabia tecer o tempo da espera, inquieto, tinha em mente operacionalizar a sua nova meta-aventura, objetivava criar um jornal, um periódico de ideias políticas e culturais na cidade, “um matutino de crítica econômica e social”. É possível imaginar Oswald de Andrade, na altura de seus 41 anos de idade, deambulando sinuoso pelas ruas do centro de São Paulo, em alguma tarde do ano de 1931, atrás de parceiros, de letras e de dinheiro para alavancar o seu novo projeto, entre trajetos, suas pausas para o café e conversas, suas estratégias de convencimento, entendendo que teria interlocutores

intelectuais, empresários e profissionais liberais, ainda que alguns construídos a partir das relações familiares ou mesmo nos períodos da Semana de Arte Moderna, mas, principalmente, contava com gente do primeiro time de anarquistas e comunistas, suas novas *afinidades eletivas* (Goethe) para ajudá-lo na tarefa de construção de um meio para a linguagem revolucionária requerida pelos novos tempos.

Sobre seu projeto, o que pretendia, o que o movia e motivava a empreender um novo título, um jornal popular para ser vendido em bancas da cidade de São Paulo? Que tipo de sentimento pretendia provocar? Com o que pretendia contribuir?

Mais que apresentar o produto de uma investida intelectual e política, importante observarmos a sua ideia inicial e o trajeto de sua consecução, sua intervenção coletiva no campo da cultura política. Itinerários cruzados, pensar como foi percebida no seu cotidiano a experiência social em comum, nas formas de construção de um empreendimento editorial, é, pois necessário entendermos o legado que Oswald construiu, o grupo que constituiu, quais figuras importantes na história política brasileira da primeira metade do século XX estavam sob sua liderança intelectual. Faz-se necessário dimensionar sua guinada pelo socialismo, isto é, não tanto a eficácia do projeto, mas sim os inimigos que elegeu e quais armas que escolheu para o embate, no campo da cultura política.

A sociabilidade política de Oswald

Há uma gama enorme de possibilidades de estudo sobre as sociabilidades de Oswald de Andrade, nos campos político, literário ou familiar. Estratégia importante para nos aproximar do conteúdo das crises, tensões e contradições próprias da inscrição de uma nova modernidade política no Brasil. Ao depararmos com a participação de Oswald nesses círculos da sociabilidade metropolitana de São Paulo da época de 1930 perceberemos as mediações que lidou o escritor, envolvido a fundo nas configurações entre a tradição e o moderno, entre as elites conservadoras de São Paulo e a renovação estética, operada anteriormente nas Letras e agora na política, no debate sobre nacionalismo, muito candente e a formação de uma São Paulo e Brasil contornada com as inúmeras diásporas. Nosso primeiro exame é o jornal *O*

*Homem do Povo*⁷, periódico que apresenta uma variedade de temas, ainda que sob o prisma da política, com variados cronistas, da militância de esquerda, comunista e anarquista, do período.

Com efeito, a sociabilidade em torno da “cozinha da redação” empreendida por Oswald e por outros diversos intelectuais seu deu no campo fértil da cidade de São Paulo, palco de uma efervescência cultural, epicentro do capital e da crise política.

Entendendo que “o homem não vive somente a sua vida individual; consciente ou inconscientemente participa também da vida de sua época e dos seus contemporâneos” (MANN, 2011 p. 57), o objetivo é situar o coletivo constituído em torno da figura de Oswald de Andrade. Para tanto é necessário estabelecermos uma compreensão sobre o mesmo.

Entendida como relações políticas intergrupais e destes grupos para com as instituições públicas e privadas, para Simmel, (2006), a sociabilidade é uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, as quais são resultantes das múltiplas combinações interacionais acionadas pelos propósitos, impulsos e desejos dos indivíduos e dos grupos e classes sociais sintetizadas na própria formação de uma dada sociedade (SIMMEL, 2006: 59-72). Sirinelli, em *Os Intelectuais* (2008) trabalha com a concepção no sentido do espaço de relações afetivas. Gilberto Velho (2001) trabalha a noção a partir de negociações entre indivíduos e grupos para a definição de identidades sociais. Michel de Certeau, em *A Invenção do Cotidiano* (1984), alude às maneiras criativas e coletivas do fazer. Lukács, em *Para Uma Antologia do Ser Social* (2012), refere-se à abordagem particular do ser social. A noção, de forte componente sociológico, trabalha a partir de um sentido mais amplo até o mais estreito, às formas de convivência entre pares.

Ângela de Castro Gomes em “Essa Gente do Rio” (1993) analisou os periódicos *Lanterna Verde e Festa*, com base no referencial de Maurice Agulhon e Michel Trebitsch de sociabilidade. “Um grupo de amigos”, ele é também e a um só tempo um grupo cultural e social. Torná-lo inteligível exige que relacionemos uma dupla perspectiva, mas que não se afasta, num lado, a apresentação dos termos com que seus integrantes se viam e queriam ser apresentados e, do outro lado, a análise desses termos a partir de seus significados sociais e culturais, representando formas de ver uma época vivida.

⁷ Jornal O Homem do Povo, de formato tabloide (48 por 34 cm), com seis páginas, editado por Álvaro Duarte e Pagu e Queiroz Lima como secretários. Oswald assinava os editoriais. Vendido em bancas de jornal, circulou na cidade de São Paulo no ano de 1931, em oito edições.

Os grupos de estudos, institutos ou centro de estudos, apesar de restritos ao meio universitário, são também formas de sociabilidade. As inovações culturais são muitas vezes obras desses pequenos grupos, como o fundamental da História Social da Cultura, empreendida por um grupo liderado por Edward Palmer Thompson, que trabalha o lugar da cultura popular na sociedade. Outro exemplo dessa configuração de grupo na História Cultural foi o coordenado por Aby Warburg, em Hamburgo, na Alemanha, tendo surgido daquele ambiente, pensadores importantes como o filósofo Ernst Cassirer e o historiador da arte Erwin Panofsky (BURKE, 2005, p. 23).

A noção de socialidade para Milton Santos está ligada à proximidade espacial, lembra Schutz para dizer que será tanto mais intensa quanto maior a proximidade entre as pessoas envolvidas. As inter-relações que leva à proximidade que pode criar a solidariedade, laços culturais e desse modo a identidade. (In: SANTOS, 2010, p. 588-9)

Para Antonio Gramsci, citado por CEVASCO (2012, p. 127) “ao adquirir nossa concepção de mundo, pertencemos a grupo particular, que é o de todos os elementos sociais que compartilham o mesmo modo de pensar e agir”. A constituição desse grupo visa um processo de compreensão do mundo, e o periódico expressa a opinião desse grupo sobre o mundo e uma forma de modificação dele.

Trata-se do estudo sobre a experiência vivida, da dimensão subjetiva da prática social, uma tomada de posição, uma declaração de sentido do autor e de sua rede de relações no entrecruzamento preciso de seu percurso, que deve levar em conta as diversas variáveis, primeiro o seu espaço particular de convivência, suas amizades advindas de sua família, de sua classe social, de sua vida privada; em seguida suas primeiras leituras, seu primeiro contato com a Filosofia e as Letras, que invariavelmente surte um efeito importante para a sua produção e sua cosmovisão (*weltanschauung*); passando pelo seu círculo cultural e literário e, finalmente, pela relação com seu grupo político, mas

Evidentemente, será necessário levar em conta o grupo social do qual o partido é expressão e o setor mais avançado. Logo, a história de um partido não poderá deixar de ser a história de um determinado grupo social. Mas este grupo não é isolado; tem amigos, afins, adversários, inimigos. Só do quadro complexo de todo o conjunto social e estatal (e frequentemente com interferências internacionais) resultará a história de um determinado partido. (GRAMSCI, 1978, p. 24)

Investigar a construção do conhecimento através das relações entre os homens e compreender, interpretar, os atos de significados sociais que os envolvem. O objeto de análise é o jornal *Homem do Povo*, técnica de produção sócio-cultural, periódico de publicidade de uma ideal socialista, a partir dos instrumentos metodológicos dos Estudos Culturais. A teoria de cultura de Williams, a dimensão de cultura que descreve os trabalhos e práticas de atividade intelectual, o “modo de luta” de Oswald de Andrade, a sua experiência de luta política, a sua forma de crítica social. O povo, categoria de análise, é situado no repensar da teoria da cultura, de “redefinir o status de arte e encontrar seu elo com a vida social ordinária”. Para tanto, utilizaremos preferencialmente a obra “Marxismo e Literatura”, que imprime o método do Materialismo Cultural, contribuição para a teoria marxista da cultura e definido como uma teoria das especificidades da produção material e literária (CEVASCO, 2001, p.55).

Os anos de 1930 não foram somente marcados pelo desenvolvimento de uma nova forma de política, de crescimento do processo industrial e crescente urbanização e modernidade na vida das cidades, foi também um período de disputas políticas, de antagonismos evidentes. O catolicismo, nacionalismo, fascismo e comunismo dividem opiniões de líderes, governos e populares.

Os intelectuais e artistas, fato novo, tomam partido, defendem suas posições na arena política. A forma como foram afetadas pelo tempo histórico, como viveram suas vidas e como se relacionavam são muito importantes para os estudos sobre as representações do passado. Quem eram os contemporâneos de Oswald de Andrade, como partilharam ideias e práticas políticas no decorrer de suas vidas, como se posicionam em relação à política, ao poder e ao Partido?

Oswald era uma pessoa extremamente política, e quando de suas maiores realizações literárias, na vanguarda do modernismo, com seus manifestos, operava com a política, e uma de suas características, o discurso, para ajudar no processo de transformações delas em fatos retumbantes para a sua época. Verdadeiros “ovos de Colombo”, como a Semana de Arte Moderna, manifestos Pau-brasil e Antropófago, são exemplos marcantes de sua biografia intelectual.

Para essa sua nova investida, era necessário um esforço para agregar em torno de si diferentes personalidades, que se ligavam ao fio condutor que é a interação entre política e cultura (SCHORSKE, 1988, p. 23). Oswald constrói em torno de si uma espécie de rede, uma

forma de representação coletiva que contribuísse para o estabelecimento e divulgação de um pensamento de sua época, conectando diferentes significados de noções como a política, a cultura, a literatura sobre a cidade e seus cidadãos. Pagu, Astrojildo, Flávio de Carvalho, Antonio Candeias, Geraldo Ferraz e outros se juntam ao antropófago na tarefa de fazer circular um jornal de forte ideologia política e crítica social na Piratininga.

Segue uma breve apresentação dos componentes do grupo que trabalhava na redação do jornal referido, exercendo diversas funções concomitantemente, apresentarei traços biográficos de cada um, entendendo que todos participaram dessa intervenção coletiva, ajudando a criar as condições sociais para a produção coletiva de utopias realistas (SAID, 2003, p. 37).

Pat, Patrícia, Pagu

Pat, como era conhecida por sua irmã e confidente⁸, era filha de profissional liberal, morava no bairro operário do Brás em São Paulo, nos fundos de uma fábrica. Desde cedo, portanto, teve contato com filhas de trabalhadores e as lembranças desse tempo foram inspiração para o seu romance, escrito na fase mais célebre de atuação comunista com Oswald de Andrade. A militante comunista Patrícia Galvão atuou na Juventude Comunista e no Socorro Vermelho antes de sua atuação mais “orgânica” ao PC.

Indo além dos estereótipos e mitos construídos em torno de um ou de outra, ou ambos juntos, Pagu⁹ em sua autobiografia¹⁰, disseca, nas palavras de Geraldo Ferraz, a personalidade de Oswald de Andrade daqueles anos como ninguém fez até agora. O relacionamento entre ambos, de acordo com as confissões de Pagu, apesar de salientar que não houvesse “amor” em ambas as partes, foi construído com companheirismo, parceria e afinidades políticas e

⁸ Depoimento de Sidéria Galvão Fragoso. Acervo do MIS – Museu de Imagem e Som de São Paulo sob o número 00387.COA.00012VD..

⁹ Patrícia Galvão (1910-1962), militante política do comunismo e da cultura, jornalista, escritora, participou do círculo modernista e do Movimento antropófago, conviveu com Oswald de 1930 a 1934, participou da edição de *O Homem do Povo*, escreveu um romance, participou da luta política comunista, no movimento feminista e cultural, publicou contos policiais em *Safra Macabra* e o romance *A Famosa Revista*, com Geraldo Ferraz, seu último companheiro. Sobre Pagu, ler: Pagu: COSTA, Márcia. *De Pagu a Patrícia: o último ato*. São Paulo: Dobra Editorial, 2012; GUEDES, Thelma. *Pagu: Literatura e Revolução: um estudo sobre o romance Parque Industrial*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003; NEVES, Juliana. *Geraldo Ferraz e Patricia Galvão*. ANNABLUME, 2005.

¹⁰ FERRAZ, Geraldo G. (org.). *Galvão Patrícia. Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

intelectuais, assim registradas por ela: *Cheia de emoção, estive ao lado de Oswald, esperando que ele terminasse um artigo para eu passar à máquina*¹¹.

O atributo da generosidade, algo que Antonio Candido havia colocado em destaque como traço marcante da personalidade de Oswald, Pagu também o fez, como na passagem:

Oswald nunca mentira para mim. Essa honestidade, essa lealdade dentro da vida comum quase não foi sentida no início, mas depois explicou a aliança que me prendeu tanto tempo... Quantas vezes desejei beijar-lhe as mãos por essa franqueza maravilhosamente violenta, por esse impiedade que satisfazia meu orgulho de tudo poder suportar com vigor. Eu lhe agradeço ainda hoje, Oswald¹².

A generosidade de Oswald é relatada por Geraldo Ferraz em suas memórias, apresentando-o aos salões da alta sociedade paulista (FERRAZ, 1983, p. 24). Além de financiar a publicação do livro Parque Industrial¹³, Oswald, que havia sido rejeitado pelo PC nos tempos de proletarização do mesmo, foi procurado por Pagu, militante operária, sob ordens do Partido, mesmo quando dele estava separada dele, no momento em que o PCB precisava de intelectuais para o trabalho de finanças. O reencontro foi descrito por ela dessa forma:

Sim, eu senti vergonha e humilhação. Foi assim que eu embarquei para São Paulo à procura de Oswald. Oswald foi de uma delicadeza e discrição absolutas. Viu-me chegar. Recebeu-me como se eu o tivesse deixado meia hora antes. Serviu-me um pequeno almoço e foi buscar o Rudá, que brincava no quintal. Não me fez uma pergunta. Falou ao filhinho que eu afagava: “Mamãe chegou”. E deixou-me só, percebendo que eu sofria com sua presença¹⁴.

Acrescentando linhas ao mito andradino e ao culto à Pagu, realizaram uma cerimônia de casamento no Cemitério da Consolação, na Rua 17, n. 17 (05 de janeiro de 1930), o romance de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão poderia ser entendido como a realização moderna do romance de Tristão e Isolda, ele um “cavaleiro do comunismo” e ela, outrora

¹¹ Idem, p. 63.

¹² Ibidem, p. 77-8.

¹³ Livro escrito por Pagu, no período de convivência com Oswald, sob o pseudônimo de “Mara Lobo”, exigência do Partido. O romance proletário, terminado em 1932 e publicado em 1933, foi, segundo Geraldo Galvão Ferraz, praticamente artesanal. O “resgate” da obra de Pagu veio em 1981, em edição fac-similar, pela Editora Alternativa e principalmente com o livro de Augusto de Campos, Pagu. Patrícia Galvão. Vida-obra, publicado em 1982 pela Brasiliense. Em 1994, o romance foi reeditado pela Editora da Universidade Federal de São Carlos em parceria com a Editora Mercado Aberto.

¹⁴ Ibidem, p. 108-9.

Astrojildo Pereira

Astrojildo Pereira Duarte da Silva (1890-1965), Jildo para os amigos, nasceu em uma família tradicional de Rio Bonito, interior do Estado do Rio de Janeiro, sendo o pai um próspero comerciante, propiciou ao filho estudar sempre em bons colégios. De longa militância anarquista, no campo sindical¹⁵ desde os seus 16 anos de idade, tendo uma atuação de destaque nos quadros da esquerda brasileira, casou-se com Ignez, filha do colega militante Everardo Dias.

Participou em 1910 da Campanha Civilista de Rui Barbosa e acompanhou de perto da Revolta da Chibata no Rio de Janeiro. Em 1913, juntamente com o seu amigo Edgard Leuenroth, participou do 2º Congresso Operário Brasileiro. Escreveu para diversos jornais operários¹⁶, se posicionando contra a 1ª Guerra Mundial e saudando a Revolução de 1917 na Rússia.

Para Lena Junior (1999, p. 65-6), três fatores foram fundamentais para a mudança de posição política de Pereira. O impacto local da Revolução Russa de 1917 que provocou a necessidade, defendê-la, enquanto jornalista, diante da posição da imprensa oficiosa; sua prisão em 1918 por conta de sua participação na Insurreição Anarquista na então capital federal, e, finalmente, a III Internacional Comunista de 1919, provocando uma redefinição dos operários e suas lideranças quanto à Revolução e o papel de seus líderes.

Quando tinha 32 anos foi um dos fundadores do PCB, seção brasileira da III Internacional, sendo um dos seus principais dirigentes nos primeiros anos do Partido. Na condição de secretário geral fez a primeira viagem à União Soviética, em 1924.

Em 1928 compôs o Comitê Executivo da Internacional Comunista, permanecendo praticamente o ano de 1929 na URSS. Autodidata, fora escritor e crítico literário, mas atuação durante toda a sua vida foi no Jornalismo. No PC, sempre teve uma relação complicada, sendo afastado de sua direção por conta do obreirismo, ironicamente, uma estratégia política que ajudou a implantar, por ser considerado um “intelectual pequeno burguês”. Foi por meio dele

¹⁵ Michel Zaidan Filho (1985, p. 105) afirma que Astrojildo tomou a iniciativa de organizar as primeiras reuniões para avaliar os desdobramentos da Revolução Russa e o posicionamento dos revolucionários brasileiros em face dela.

¹⁶ No período de militância anarquista, foi colaborador do jornal *Guerra Social, A Barricada, Clarim e Voz do Pedreiro*. Após a Revolução Russa, escrevia nos jornais *Crônica Subversiva* e *O Germinal*. Na sua fase de transição integral, em 1919, o grupo que fundou o Partido Comunista Libertário, dirigindo o jornal *Spartacus*. Em 1920, inclinando ao bolchevismo, assume a direção do jornal *Voz do Povo*, da Federação Operária do Rio de Janeiro. Em 1922, a revista Movimento Comunista, de grande circulação no meio operário, sendo embrião para a fundação do PCB.

que Prestes, tenente da Coluna exilado na Bolívia, teve acesso à doutrina comunista, embora de incontável feito, seu legado não resume à conversão prestista, sua biografia é uma das mais valorizadas na memória do Partido e do pensamento revolucionário brasileiro¹⁷.

Não apenas colaborou com o periódico OHP, mas, participou de todas as edições, utilizando o pseudônimo Aurelino Corvo, ficando responsável pelos noticiários internacionais, na seção de título Sumário do Mundo, ainda que, por pressão do PC, tenha se “arrependido” de sua participação no jornal.

Antonio Candeias Duarte

Imigrante português, natural de Coimbra, nascido em 1881, e que chegou a São Paulo com a família, em 1891¹⁸, líder anarquista e depois comunista, Antonio Candeias Duarte é um dos expoentes do círculo político de Oswald de Andrade. Um dos redatores do OHP, com o pseudônimo de Hélio Negro, também era o responsável pela impressão gráfica do jornal. Segundo Christina LAPREATO (2000, p. 35), foi um entre uma dezena de líderes da Greve Geral Anarquista de 1917, ao lado de Edgard Leuenroth, com quem inclusive escreveu um livro, um guia para militantes do início do século XX, chamado "*O que é Marxismo ou Bolchevismo: programa comunista*". De acordo com Maria Luiz Tucci CARNEIRO (2002) Duarte era proprietário de tipografia de livros subversivos, a Editorial Marenglen – nome, segundo (TAVARES, 2007, p. 70) inspirado nas iniciais de Marx, Engels e Lenin (a própria editora foi registrada no DEOPS – Prontuário de número 831), *sendo ele um dos editores de OHP*.

¹⁷ Sobre a vida e o pensamento de Astrojildo, os escritos na maioria das vezes não escapam do dogmatismo do período e de quem os escreveu. Em 1979, num artigo para o livro *Ensaio Histórico e Político*, organizado por Heitor Ferreira de Lima, que escreveu um pequeno ensaio sobre o comunista que fora seu amigo. Na década de 1980, com a redemocratização, houve um despertar dos estudos sobre ele, com textos da Revista *Memória e História – Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro*, de autores como Edgar Carone, do próprio Ferreira de Lima, Otto Maria Carpeaux, Leandro Konder e Néelson Werneck Sodré, ocorreu também, no âmbito interno do Partido, a Fundação do Instituto Astrojildo Pereira, em 1982. Destaque para dois trabalhos resultados de estudos sobre Astrojildo feitos por Martin Cezar Feijó, *Formação Política de Astrojildo Pereira (1890/1920)*, publicado em 1985 e o segundo, já no final da década seguinte, *O Revolucionário Cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural. No mesmo ano, em 1999, com o título Astrojildo Pereira: Um Intransigente Libertário (1917-1922)*, Hélio de Lena Junior estudou a transição das ideias políticas de Astrojildo, do anarquismo para o comunismo e, em 2007. Dando continuidade sobre suas investigações sobre Astrojildo, Lena Jr. defendeu a tese *A Idade da Revolução: Astrojildo Pereira e José Carlos Mariátegui na construção do marxismo latino-americano*, pela UFRRJ.

¹⁸ LEITÃO & MATOS, 2011. Em artigo, os autores realizam uma contribuição importante para o estudo sobre a participação política dos trabalhadores portugueses na cidade de São Paulo no início do século XX, a partir da análise dos prontuários do DEOPS.

Fichado no DEOPS com a seguinte descrição: "com prontuário no Gabinete de Investigações sob o número 44.731 e que, em 1917 foi uma das figuras salientes da greve geral de então, tendo naquela época escrito um livro sobre bolchevismo. Até 1919 foi partidário do anarquismo. Depois se converteu ao marxismo, aderindo francamente ao Partido Comunista, mantendo uma atividade, em parte de expectativa, depois, por ocasião da Revolução de Outubro, concorrendo com dinheiro e literatura saída da sua pena para a vitória da sua causa". DEOPS. Prontuário número 0061, de Antonio Candeias Duarte. São Paulo.

Galeão Coutinho

Salisbury Galeão Coutinho, filho de um alfaiate português, nasceu em Curral Del Rey, hoje a cidade de Belo Horizonte, em 1897. Foi registrado em Pádua, no Rio de Janeiro, para onde a família se transferiu logo após seu nascimento.

Iniciou-se no Jornalismo em Santos, como redator do jornal *A Tribuna*, em 1915. Depois de algum tempo, foi para *A Gazeta de S. Paulo*, onde galgou todos os postos, até o de redator chefe.

Fundador de Edições Cultura Brasileira, de vida curta. Tornando-se escritor, publicou vários livros, tais como os seguintes: *Vovô Morungaba*, *Confidências de Dona Marcolina*, *A Vocação de Vitorino Lapa*, *O Último dos Morungabas*, *A Vida Apertada de Eunápio Cachimbo* e *Parque Antigo* (versos). Trabalhou também nos jornais *Correio Paulistano*, *Jornal da Manhã*, *Jornal de S. Paulo* e *Jornal de Notícias*, do qual era diretor quando morreu, como também colaborador diário de *A Tribuna*.

É considerado um dos grandes tradutores brasileiros, militou no jornalismo e foi o quarto presidente da *União Brasileira de Escritores*. Amigo dileto de Paulo Setúbal, com quem trocava ideias e impressões da vida da crescente São Paulo e como sentiam o impacto das mortes na Primeira Guerra, seja nas redações ou nos Cafés, como o *Guarani*¹⁹, localizado em frente à *Travessa do Comércio* e frequentavam a *Livraria Teixeira*, na Avenida São João, no centro da Paulicéia.

¹⁹ JORGE, Fernando. Paulo Setúbal, p. 76 e 82.

Flávio de Carvalho

Vindo da Antropofagia, de formação universitária britânica, engenheiro, artista plástico, ator, escultor, dramaturgo nietzscheano (1899-1973), agitou o teatro e a cultura da cidade por quatro décadas. Foi considerado precursor da performance no Brasil, que seria “teatro das artes visuais”. Funda o Clube dos Artistas Modernos, CAM, com Antonio Gomide, Di Cavalcanti e Carlos Prado. Segundo Le Corbusier como “revolucionário romântico”. Foi um militante do teatro moderno e atuou em São Paulo por quatro décadas. Em artigo para O Homem do Povo, de 31 de março de 1931, aproxima o teatro da psicanálise, do amor, da liberdade:

O teatro como o amor deve ser livre, sem restrição; a causa da desunião dos elementos no palco é a restrição, ela desgruda os elementos. Nenhuma exigência orgânica decreta um limite do pensamento do homem, como querem os nocivos passadistas. Vi uma vez um ditado curioso e certamente interessante: “um povo sem visão perece”. Os nossos teatrólogos são verdadeiras máquinas de repetir, nós somos neste momento um povo sem visão. (CARVALHO. In: ANDRADE, 2009).

Geraldo Ferraz

No entrecruzamento de sua vida com a de Oswald de Andrade, Benedito Geraldo Ferraz Gonçalves foi fundamental, secretariando a redação da Revista da Antropofagia, em 1929 (“açougueiro” na segunda “dentição”), ajudou Oswald a elaborar as ideias e lutas. Sua trajetória indica uma importante participação na Semana de Arte Moderna, nas lutas socialistas e na fundação do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e do Jornal Correio da Tarde, além de romancista.

A esses intelectuais, militantes da cultura e da política, juntou-se ao projeto Brasil Gorresem (usava Brasil Gerson como pseudônimo, redator do diário da Noite em São Paulo), Domingos Memmo, João Freire de Oliveira, Queiroz Lima, Álvaro Duarte, Antonio Manuel Vinhais (anarco-sindicalista português) e Brasil Gorresen, além de empresários, como Celestino Paraventi e outros anunciantes como Café Bom Gosto (Rua General Carneiro), Antartica, Bar Econômico na Praça da Sé, Agencia Scaffuto, Oficinas de Pintura Antonio, Restaurante Brasserie Paulista, Hugo Maia despachante aduaneiro e o médico Paulino da Silveira.

As ruas de São Paulo²⁰ e seus lugares de comércio, marcam etapas importantes de construção da história da cidade e do país. Nos seus pontos de encontro, debates ocorreram e forjaram ali tramas da sociedade e da política de diversas épocas. Um exemplo marcante da época era a Livraria Jaraguá²¹, na Rua Marconi, centro da capital paulista, local utilizado para exposições, casa de chá e lançamento de livros, como também a Livraria Garraux e suas vitrines na Rua Quinze, onde os livreiros José Olympio e Manoel Carlos Ferraz recebiam expoentes da elite cultural da cidade.

Café Paraventi

Patrocinado por Celestino Paraventi²², industrial no ramo de torrefação de café, que mantinha fazendas na produtora região da Mogiana em São Paulo. Embora “burguês”, era simpatizante das ideias comunistas, contribuía com intelectuais e comunistas em dificuldade e foi um dos mecenas do Jornal O Homem do Povo. Seu Café localizava-se na Rua Líbero Badaró e também na Rua Barão de Itapetininga, locais de sociabilidade intelectual de São Paulo. Segundo Cláudio Figueiredo, Paraventi era:

²⁰ Diversos estudos abordam a ávida nas ruas de São Paulo, depois de Alcântara Machado e o célebre Bras, Bexiga e Barra Funda em 1928: PICCHA, Menotti del. *Despertar de São Paulo (epidódios do século XVI e XX na terra bandeirante)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933; AB´SABER, Aziz. *Padrões Históricos de estruturas de ruas e processos de urbanização na cidade de São Paulo*. CONDEPHAAT, 1986; AZEVEDO, Aroldo de (org.). *A cidade de São Paulo. Estudo de Geografia Urbana*. São Paulo, Nacional, 1958; CANNABRAVA, Iatan. *Casas Paulistas – Fragmentos de uma Utopia Urbana*. Formate, São Paulo, 2000; ESTRELA, Ely. *Os Sampauleiros, cotidianos e representações*. EDUC/Editora Humanitas/Fapesp, 2003; FRUGOLI JÚNIOR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez/EDUSP, 2000; MAGNANI, José Guilherme Magnani e Lilian de Lucca Torres (orgs.). *Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, EDUSP. FAPESP, 2000; REIS FILHO, Nestor Goulart. *Primeiros bairros operários e suas casas*. São Paulo, 1990; SALIBA, Elias Thomé. *Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana*. In: Porta, Paula (*) (org). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX São Paulo : Paz e Terra, 2004., v. 3*, São Paulo : Paz e Terra, 2004; SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na Metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992; TOLEDO, Roberto Pompeu. *Capital da Solidão*. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2003.

²¹ Antonio Candido, em entrevista no Estadão em ocasião da FLIP de 2011 que homenageava Oswald de Andrade, narrou uma conversa que superou um intrevero entre ambos, em ocasião da crítica que Candido fez de Marco Zero, de Andrade. O crítico contou de um encontro nesta livraria, quando fora abordado pelo escritor, que oferecera a ele amizade apesar de suas críticas.

²² Segundo José de Souza Martins (O Estado de São Paulo, 31 de dezembro de 2012), Celestino Paraventi ficou rico com o café. Era cantor lírico, tenor. Deixou várias gravações. Foi o primeiro cantor a gravar, em 1930, Tardes em Lyndóia, de Zequinha de Abreu e Plínio Martins. Ao morrer, em 1986, tinha mais fama de capitalista excêntrico, porque comunista, do que de cantor. Ajudava financeiramente o Partidão e abrigou em sua casa de Santo Amaro, à beira da Guarapiranga, em 1935, Olga Benário e Luís Carlos Prestes, perseguidos pela polícia política. Por isso, Paraventi acabaria preso.

De espírito empreendedor e criativo, foi pioneiro em Marketing numa época em que o termo não existia e a publicidade ainda engatinhava. Dificilmente, porém, sua personalidade se encaixaria no estereótipo de empresário obcecado por lucros. (FIGUEIREDO, 2012).

Numa sobreloja alongada sobre o Café Paraventi, na Rua Líbero Badaró, artistas plásticos expunham suas obras, dentre as quais Anita Malfatti, contribuindo para modificar os hábitos da cidade, com o café expresso e a arte. O “magnata vermelho”, como era conhecido pela polícia, acabou sendo preso na ocasião da Intentona Comunista de 1935, fichado na polícia como “adepto do credo de Moscou”.



Imagem 1: Fachada da filial do Café Paraventi, no Palacete Piratininga, rua Líbero Badaró nº 56 (antigo). Foto de 1921 (Revista *A Cigarra* nº 156).

Depois de oito números, o jornal foi empastelado e em seguida fechado pelos órgãos de repressão do governo, após uma contenda entre Oswald e a os estudantes de Direito do Largo do São Francisco, registrado pelos principais jornais da época, entre eles Diário de São Paulo e O Estado de São Paulo, que apoiaram o “empastelamento” do jornal. Oswald e *Pagu* quase foram linchados após saírem da redação do Jornal, no Palacete Rolim, número 9 da Praça da Sé, após o editorial escrito por Oswald que afirmava que o café e a Faculdade de Direito eram os dois cancros de São Paulo.

Apesar de sua não concretização, o periódico não teve vida longa, o sucesso do empreendimento foi verificado pelos ataques que sofreu, acabando por incomodar as elites e a imprensa burguesa, miras escolhidas por Oswald de Andrade, ponta de lança do modernismo brasileiro.

Referências

- ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. SP: Globo, 1997, 2a ed.
- _____. **O Homem do Povo**: coleção completa e fac-similar do jornal criado e dirigido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu). – 3. ed. – São Paulo: Globo; Museu Lasar Segall; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- _____. **O Rei da Vela**. São Paulo: Abril Cultural, 1986.
- _____. **Os Condenados**. São Paulo: Globo, 2000.
- _____. **Poesias Reunidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- _____. **Serafim Ponte Grande**. SP: Círculo do Livro, 1992.
- ANDRADE FILHO, Oswald de. **Dia seguinte e outros dias**. São Paulo: Códex, 2004.
- ANTUNES, Ricardo. **De Vargas a Lula: Caminhos e Descaminhos da Legislação Trabalhista no Brasil**, 11/2006, Pegada (UNESP. Impresso), Vol. 7, Fac. 2, pp.83-88, Presidente Prudente, SP, BRASIL, 2006
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna**. São Paulo: Edusp, 2000.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CAMPOS, Augusto de. **Pagu: vida-obra**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CARNEIRO, Maria Luiza T. **Livros Proibidos, Ideias Malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas**. São Paulo: Ateliê, 2002.
- CASTRO, Ana Claudia V. **A São Paulo de Menotti Del Picchia: arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista**. São Paulo: Alameda, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CEVASCO, Maria E. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- _____. **Para Ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CORTEJO, Carlos & GERODETTI, João Emílio. **Lembranças de São Paulo: a capital paulista nos cartões postais e álbuns de lembranças**. São Paulo: Studio Flash, 1999.
- ELEUTÉRIO, Maria L. O Homem e a Utopia. In: **O Homem do Povo**. – 3. ed. – São Paulo: Globo; Museu Lasar Segall; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- GALVÃO, P. (Pagu). **Parque industrial**. SP: EDUFSCar, 1994.
- GRAMSCI, A. Socialismo e Cultura. In: **Escritos Políticos**. Lisboa: Editora Seara Nova, 1978.
- FERRAZ, Geraldo. **Depois de Tudo**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1983.
- FERREIRA, Antônio Celso. **A Epopéia Bandeirante (1870-1940)**. Ed. UNESP, 2002.
- FIGUEIREDO, Cláudio. **Entre Sem Bater**. A vida de Apparício Torely – O Barão de Itararé. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

- FRÚGOLI JR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LENA JUNIOR, Hélio. **Astrojildo Pereira: um intransigente libertário** (1917-1922). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Severino Sombra, Vassouras, 1999.
- LOPREATO, Christina R. **O Espírito da Revolta**. A Greve Geral Anarquista de 1917. São Paulo: Anablume, 2000.
- MANN, Thomas. **A Montanha Mágica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Saraiva de Bolso).
- PORTA, Paula. **História da Cidade de São Paulo**, v.3: a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade Revolucionária**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **A “Moscuzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954)**. São Paulo: Humanitas-FAPESP, 2007.
- TOLEDO, J. **Flávio de Carvalho: o comedor de emoções**. São Paulo: Brasiliense; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- SAID, Edward W. **Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- SANTOS, Boaventura S. & MENESES, Maria Paula (org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- SHORSKE, Carl. **Viena fin-de-siècle: política e cultura**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Recebido em 27 de janeiro de 2014

Aprovado em 29 de maio de 2014